

*«Vi tanta  
coisa bonita  
que não posso  
dizer que gos-  
tei... mas que*

# A MINHA VISITA À EXPO-92



*fiquei maravilhada», conclui  
Inês Margarida, a repórter de  
sete anos que a Pais enviou à  
EXPO-92.*

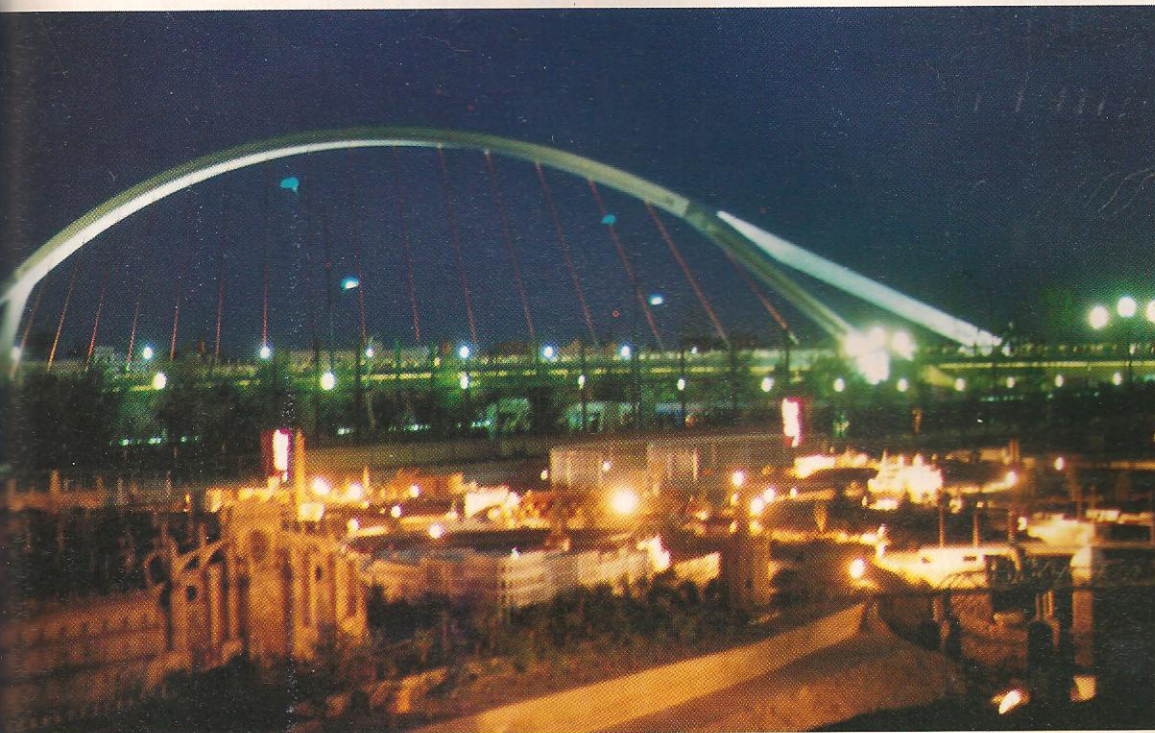
Sevilha será este ano o local de férias de milhares de portugueses. Outros tantos desejariam igualmente visitar a EXPO-92, mas não o farão. Motivo: os filhos. «As crianças resistirão a tanto calor, cansaço e multidões?», interrogam-se.

A Pais procurou responder a esta dúvida enviando, juntamente com o jornalista Dinis Alves, a sua repórter mais nova. A Inês Margarida, de sete anos, ajudada na escrita pelo pai, conta-nos o que viu e do que gostou na exposição. E gostou tanto de tanta coisa, que só pode dar este conselho: pais, levem os filhos convosco. Ofereçam-lhes essa prenda inesquecível.

Andei três dias pela EXPO-92, mas gostava de lá ter andado trinta. Só assim teria tido tempo para ver tanta coisa bonita, e fazer a viagem fabulosa pelo mundo que a exposição nos oferece. E reparei numa coisa curiosa: nós, meninos pequeninos, não gostamos de acompanhar os pais em certas visitas a museus, feiras ou outros acontecimentos, pois os nossos interesses são geralmente bem diversos. Mas na EXPO, o que os pais querem ver, nós também queremos... e ainda bem!

No pavilhão da Alcatel, por exemplo: enquanto os mais crescidos se deliciavam com a tecnologia da Géode, a mim apetecia-me mergulhar naquele mar convidativo rasgado por Cristóvão Colombo em direcção às Américas. Fiquei admirada com o tamanho do ecrã: foi o maior que vi em toda a minha vida! E a sensação de participar nas cenas que os especialistas prepararam? Nunca pensei que fosse possível. Quando uma criancinha entrou pelo buraco da agulha que dava acesso às grutas da Altamira, senti-me a correr atrás dela, a viver aquele momento também, sem medo e nem vontade de sair de lá.

Momentos antes, tinha tomado os cuidados necessários para andar por aquele mundo novo sem sobressaltos. Pedi uma pulseira que dão a todas as crianças, com um código identificativo



*Na foto ao lado, uma vista da Andaluzia dos Pequenitos. Em baixo, uma réplica de uma caravela.*

que permite sermos localizados rapidamente se tivermos o azar de nos perdermos. Se isso acontecer não precisamos de entrar em pânico, pois há milhares de guias (pupis) pela feira, que nos levam para um recinto apropriado onde ficamos acompanhados por assistentes sociais que tomam conta de nós e brincam connosco. É só o tempo dos papás darem pela nossa falta e avisarem a polícia - minutos depois lá estamos de volta ao grupo.

É bom saber que as crianças com menos de cinco anos não pagam nada para entrar na EXPO, e também viajam de graça nos vários meios de transporte que existem na feira. Quem tem mais de 5 e menos de 14 anos, paga 1.500 pesetas para entrar. Só que os guardas até fecham os olhos a um ou dois anitos a mais... Eu tenho sete, mas disse sempre que tinha cinco. Assim o meu pai poupou umas pesetas para depois gastar mais à vontade nos gelados que lhe pedi, bem como nalgumas recordações que fui vendo nos pavilhões e que quis trazer para casa.

Por 500 pesetas comprei um passaporte, para comprovar a minha passagem pelos pavilhões por onde andei. É assim: à entrada do pavilhão de cada país, há sempre um funcionário simpático. Damos-lhe o passaporte e ele carimba-o. Alguns até escrevem o nosso nome em árabe ou chinês.

No Pavilhão dos Descobrimientos andei numa caravela, igualzinha àquelas em que os navegadores portugueses partiram à descoberta de novos mundos. Gostei tanto, que quando começar a estudar a História de Portugal quero saltar logo para aquela época.

Ah!, e também andei por cima de um mar envidraçado, a olhar para os tesouros meio enterrados no fundo do oceano. Os senhores da Arábia Saudita trouxeram areia dos desertos deles para fazerem o chão do pavilhão. É como se estivessemos na praia!

Nunca imaginei ver de perto um iceberg, e pensava mesmo que só existiam nós filmes. Mas no pavilhão do Chile até pude tocar num, trazido de propósito dos mares frios que banham parte da costa chilena.

Mas o que mais gostei foi do foguetão. E em tamanho verdadeiro! É o ARIANE europeu. Que coisa gigante, aquela! Quando os vemos partir das Guianas, através das imagens da televisão, parecem-nos pequeninos como supositórios. Quem diria que são do tamanho de um prédio com uns vinte andares! O foguetão é só para ver, ninguém pode andar nele. Não sei se na EXPO de 2005, no Japão, já nos deixarão dar uma voltinha numa nave espacial...

Pela primeira vez vi também um satélite. É aquela caixinha mágica, com umas asas para receber a energia do sol, que envia imagens e som

para as parabólicas que agora parecem cada vez em maior número nos telhados das casas. E vi também o Hermes, o avião espacial europeu destinado à manutenção da estação orbital Columbus, a partir de 1998.

Agora que me ponho a pensar, acho que apesar do tempo ter sido pouco ainda vi muita coisa nova. No Pavilhão do Universo, por exemplo, fiz uma viagem fantástica de 12 minutos dentro do Planetário Digital, único no mundo. Accionado por um computador, com a imagem controlada por um processador gráfico e projectada numa cúpula de 18 metros, deixa-nos deliciados, assistindo à Aventura Cósmica.

Achei engraçadíssimo o Pavilhão do Meio Ambiente. Além de ter visto uma





*Em cima, Pavilhão da Alemanha; a seguir, imagem de um dos muitos espectáculos da feira; ao lado, um senhor, num carrinho muito simpático; e um carroal muito original.*

miniatura da floresta amazónica, pude participar no Jogo da Biosfera. Sobrevoando o solo planetário, somos confrontados com problemas para os quais nos pedem uma decisão. Conforme a nossa resposta, assim ficamos a saber se somos ou não amigos do ambiente.

Mas na EXPO podemos participar noutras aventuras fascinantes. No Pavilhão do Canadá meti-me dentro dum fato de astronauta. No do século XV senti o chão a tremer todo, quando estavam a exhibir um filme, misturado com personagens ao vivo. Pensei que se tratava de um tremor de terra, mas não. Era a sala a girar, ao mesmo tempo que as cenas prosseguiam. No fim, quando o actor grita «Tierra!», saímos todos - imaginem - na América!

Estive uns momentos debaixo da esfera bioclimática. Como é possível àquela bola gigante mudar o clima?, perguntei. Disseram-me que lança ondas de frescura para as zonas em volta. Afinal, não é mais do que uma ventoinha gigante com um formato diferente!

Gostei muito foi de subir à torre panorâmica, uma torre gigante com uma casa toda envidraçada que sobe e desce sempre a girar. Foi aí que fiquei com a ideia de que a EXPO-92 é maior que muitas cidades portuguesas.

Também passei em redor da feira, nos vários meios de transporte que os espanhóis por ali colocaram. Andei no monocarril, um comboio que anda pelo ar apoiado num só carril, e no teleférico movido a energia solar. Dei uma volta de barco pelo lago de Espanha, e meia dúzia delas no comboinho de rodas igual ao do Jardim Zoológico de Lisboa.

Muito engraçadas são as casotas da IBM que estão espalhadas à volta do recinto. Têm um ecrã de televisão onde

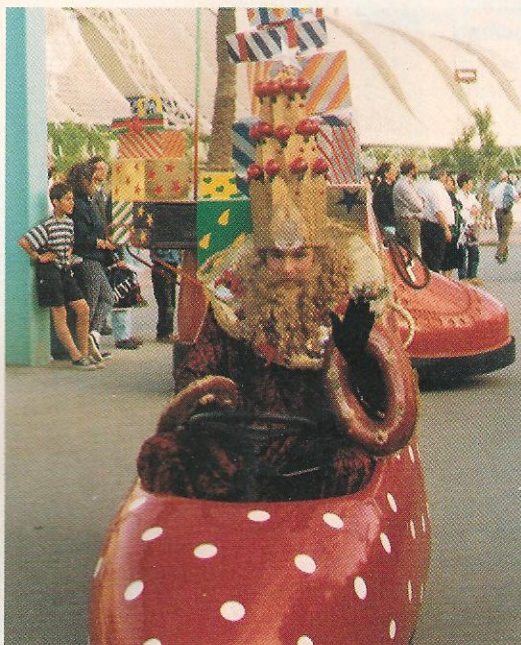
podemos perguntar muita coisa, e de uma forma bastante original: as ordens são dadas pelos nossos dedos, percorrendo o próprio ecrã. Nunca pensei que existisse uma coisa daquelas. E até podemos mandar mensagens para amigos que estejam noutros pontos da feira!

Por último, dei uma volta de comboio pela Andaluzia dos Pequenitos, um espaço criado a pensar em nós, mas que os adultos também gostam muito de ver. Numa viagem de meia dúzia de minutos, ficamos a conhecer os monumentos mais importantes daquela região espanhola. Afinal de contas, um Portugal dos Pequenitos em miniatura, com monumentos diferentes, é claro.



São 72 miniaturas das províncias de Almeria, Córdoba, Cádiz, Jaen, Huelva, Granada, Málaga e Sevilha. E não são só monumentos. Vi também uma reprodução do circuito de Jerez de La Frontera, um observatório, um aeroporto e um campo de futebol.

E ainda tive tempo para dar uma saltada ao átrio do Palácio Maria Luisa, para assistir às danças das sevillhanas, onde as crianças podem participar. Há sempre uma sevillhana simpática que nos ensina os primeiros passos do flamenco. Perante tanta coisa bonita, tanta coisa deslumbrante, não posso dizer que gostei... mas que fiquei maravilhada. Ir à EXPO-92 é fazer uma viagem de sonho, ouvir falar do passado de forma simples e antever o futuro. No fim de contas, uma aula prática a que todas as crianças de Portugal deveriam assistir. ■



# Pais

Para o bem-estar dos seus filhos



MENSAL  
N.º 21  
JULHO/1992  
365\$00  
(IVA incluído)

**QUE SABOR!**  
- o ABC do paladar

**REPÓRTER DE 7 ANOS NA EXPO/92**

**DOSSIER GRÁVIDA**

**NESTA EDIÇÃO**

*o Dintus*